

Bagagens das famílias estão cheias de sonho

Mal saímos de Sousa, o sistema de refrigeração do ônibus entrou em pane. “Seu” Paulo está inquieto. E começa contar sua vida. Nasceu em Sapé, Paraíba, onde viveu até 1985, quando foi expulso de uma gleba. A partir daí foi morar no Cangote do Urubu, uma favela de Bayeux. Apenas com uma pequena aposentadoria, foi impossível sustentar a família. Por isso decidiu morar em Brasília. “É duro chegar a essa idade e ter que morar em terra estranha”, diz.

Durante a noite atravessamos os estados do Ceará e Pernambuco. Amanhecemos na Bahia. A máquina de Wanderley denuncia que somos jornalistas, mas ao invés de atrapalhar, isso ajuda. Agora, todos querem conversar conosco. Evanilson vai firme no volante cruzando o Sertão da Bahia, rodando por estradas esburacadas, onde o SOS Rodovia do presidente Fernando Collor ainda não chegou.

Estamos todos numa animada roda de conversa. Pergunto se é fácil conseguir uma passagem e mudar-se para outras cidades. Todos querem falar de uma vez.

Deputados, prefeitos, órgãos estaduais e federais, fazendeiros, todos são denunciados. “Olha aqui, todas essas passagens eu consegui com a prefeitura de São José do Espinharas”, afirma João Manoel de Sousa, mostrando quatro bilhetes. Ele vai levando a família para Brasília. “A Paraíba não é lugar de gente morar”, observa.

Evanilson cansou de dirigir e passou o volante para Gil M. Dilem. Em Seabra, na Bahia, Maria de Jesus da Silva entra no ônibus pedindo esmolas. Está indo para Brasília de carona. “Se o problema é carona, a senhora já está no ônibus”, diz um dos migrantes. Estamos parados para o almoço. Os migrantes não descem do carro — fazem suas refeições à base de pão, galinha caipira e muita farinha de mandioca.

Voltamos à estrada. João Manoel pergunta sobre o programa de assentamento do GDF. Explico que o programa de fato existe, mas existem critérios rigorosos para a doação de lotes. Cristina, filha de “seu” Paulo quer saber se nos assentamentos há escola. Seu sonho é continuar

os estudos interrompidos na Paraíba, por conta da mudança da família.

“Quanto tempo falta para a gente chegar?” — pergunta “seu” Paulo, já cansado e muito irritado. Pelos cálculos do motorista ainda vamos rodar a tarde de sábado e chegar a Brasília na manhã de domingo.

Cansados, os migrantes dormem a noite inteira e acordam numa alegria desenfreada. Não entendo nada, mas o motorista me salva — estamos entrando no DF. Logo vamos chegar a Planaltina. A concorrência do toailete do ônibus é grande.

A chegada na Rodoferroviária é uma festa para os que têm familiares esperando. Uns choram, se abraçam. Outros, como “seu” Paulo, apenas observam, sem entender muita coisa do que está acontecendo. As bagagens são liberadas. Agora é cada um procurar seu local.

Cabisbaixo, “seu” Paulo vai caminhando, a família atrás. Vislumbro a silhueta do velho caminhando em direção ao Cruzeiro e me pergunto: teria chegado mais um retirante em Brasília?